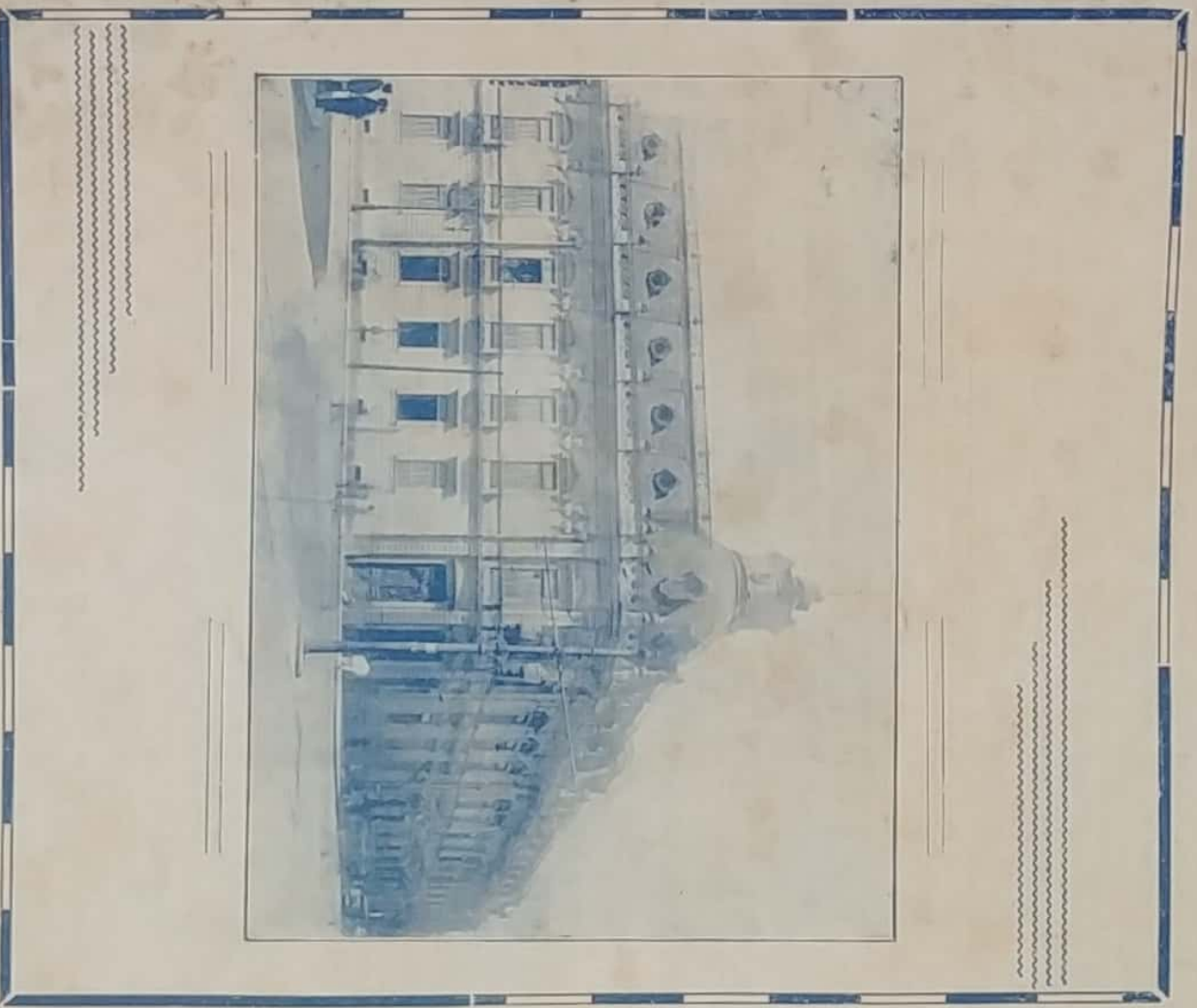


11 Watercolor in

frase

# CIENCIAS FISICAS



ANO V

Setembro de 1937

NUM. 7











ESTUDO CRÍTICO

Somente agora, os julgamentos críticos sobre Gonçalves Dias começam a mudar. Ainda bem, qual que tardava. Esse poeta tem usufruído, em con-

Tanto Basílio da Gama, como Durão, Gonçalves de Magalhães e outros, trataram de motivos regio-

A dor que mostra o velho em todo o aspe-

O que ha demais no resto são termos de rhoten-

Em amo a doce Virgem pensativa,

Nem ha que chamar atenção para os defeitos. A

Fino sentir ou magico transporte

Cláudio Manoel da Costa, neste mesmo Brasil, e

ANTONIO DE PADUA

LIVRARIA BRIGUIET-GARNIER

GRANDE SORTIMENTO DE LIVROS NACIONAES LITTERATURA EM GERAL LIVROS CIENTIFICOS LIVROS ESCOLARES

Editores do CURSO DE GEOGRAFIA DO Prof. RAJA GABAGLIA. CURSO DE HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO DO Prof. JONATHAS SERRANO e CURSOS COMPLETOS para todas as séries do Curso ginasial e complementar. RUA DO OUVIDOR, 109 Tel.: 23-3091

BIBLIOTECA DE SOCIOLOGIA

Haure por bem o acatado e conciliado soci-



ESCRAGNOLLE DOHA

A 2 de Dezembro de 1837, regente do Império Pe-

Nascia a esta fatada a centenário no dia em

que o Imperador menor, em nome do qual, o re-

Em 1837 estava D. Pedro II educado e instruido,

V. S. Verá a bondade de dizer-me todos os dias e

Segundo informações dos mestres o Imperador

estudando piano e canto com progresso. O mestre

Do descripto de 1837 referia o mestre de dança.

Segundo as instruções do regulamento do paço

Depois das lições teria D. Pedro II lições para

As oito horas da noite oratório, o mesmo pela

do II em 1837 ao fundar-se o Colégio, ao qual da-

FESTA DO CALOURO

Realizou-se no dia 5 de Junho, organizada pelo

O seu programma consistiu de tres partes bas-

1º) discurso do orador-official do Gre-

2º) numero de música e canto com

3º) danças que se prolongaram até

A solenidade foi aberta, pelo Prof. F. Raja

Não seríamos justos se omitissemos um voto de

Que sabiam os futuros veteranos do Colégio

## LOTUS ALBA

Para Ruth

CIENCIAS E LETRAS

A chuva batia na vidraça, como salvadas. E foi abrindo, pultava grade de plúveo a sentenciar pristo em casa.

Helena recolheu-se tarde e já dormia profundamente, os suspiros da respiração cochilhavam bacanais inconscientes. O leito se entolhia por tanto pudor. Quando se virava setiam gestos de desejo para sempre insatisfeitos. Os cabelos negros, espessos, punham outra noite no quarto, os fios, as vezes, derravam-se como estrelas cadentes. O corpo branco exalava tal orvalho amorosa de Sta. Teresa de Avila.

As horas se passavam num tic-tac de grilos saltada. Aceda, o arilar abemolava-se em transcendente; e, o quarto, assemelhava-se enorme confessionalito. Soaram sete horas.

Helena levantou-se com assomos maliciosos; tão bôa noite promissora, mas, ontem acontecera o desagradável. Ao pensar no fato repuchava o rosto antevedendo qualquer agrasso. Ele a querer beija-la, surpreendentemente, agarrando, apertando o corpo dela. Ah! os gritos malditos de riva, de vergonha com que o espulsara. Ninguém fora tão ouzado. Desde criança persistia-lhe o pudor do tal, nem as mãos se lhe repugnaram.

Peias festas entravam barbautes de luz mautual; e, no chão viam-se ríscos brancos numma fecundação de bordados exóticos.

Abrita a janela para desejo visual, feito blindento emocionante. Após tanta chuva o sol apareceu tal lampada aladina; a luz estregava-se na terra humida a formar manchas estufocadas. E as sombras foldeças compunham colhos crepusculares nessa claridade mautual. Hoje o trabalho seria o maior de hiverno. Vria, a esquecer tudo. Entre sentidas as zes o corpo revoldava-se côto e sentir arrepios assim era. Ah! na ela propria traha seu resguardado. Vi-nham então, as lágrimas qual molhos applicatôrios. E a carne moça queira contidas.

Passavam-se dias e êle sempre a procura-la, de seloso do raltamento. De primeiro mal o avistava corria dentro em chibros convulsos simulando molhos. Depois, acostumou-se a vê-lo, e já fazia por deslembrar o acontecido. Afinal um dia chamou-o com gestos bruscos assim que tal cumprimentos obrigatórios.

Ele aproximou-se, tenoroso:

Helena, que se pedri-te...

Ah! já sei, disse êle.

— Mas, Helena...  
— Uma arramãa nos encontramos na praia. Absimou-se êle, num passo; fôra tão convidado por ela e talvez não indimo. Percorriam, sempre, as ruas molhadas de Niterói, separados, quasi presagira, amanhã na praia... e sôe!

Helena arramãa hoje tudo zelosamente, talvez a despedir-se.

Velo a tarde.  
Os urubos negrejavam o ar parecendo sirenes mortuarias; faziam acrobacias costumeiras como abanos incoerentes de última missa.

E quando ela pensava no convite...  
Jamaiz poderia ter dito tal coisa, mas, era verdade. Desejara assim porque sentia morte. Todas dias vinha a febre, imaginativa, a noite, os sonhos

mostravam-lhe edens deliciozas... Tudo contrário no que pretendia.

O crepusculo acubara a caixa de côres, o sol não era, mais o boior de claridade; agora, a Noite, percocha negra. Então, surgiram as estrelas, castelhas alancres e a lua, mautca. Senhora! Imocuidã da terra.

Helena entreditou-se num capote e foi-se. Na rua, um passante assustou-se com o seu olhar medusado; olhos tão fixos que espuchavam rigosidades na face.

Encontrar-pu-se, afinal.  
E Helena apunhou doadamente os olhos d'êle numma atiliva aspiração de soboto. Ah! se a pupila calderivada, feito assustado aniquilou o mundo e matou a vida em êle. Não se podia acreditar no fôro com o qual vinha em êle. Tradiani faticosa num carteramento de Cristo forte.

Helena abriu o capote. Ele esticou os olhos como quem visse um quadro cerno. E Helena segunou-se a êle na aula demônica de fôso e renascimento... O luar, atôra, jogava lírios, no rosto dela; e dos olhos irromperam florôges estranhas como canelões lunares. A lua, neste momento, foi sua melhor imagem.

Noitro dia acharam-na morta. Vestir-se irreprehenivelmente adelhando o futuro; o vestido branco, as meias. Até os cabelos que andavam revoados, estavam comedidos em tranças virgínicas. E o rosto já livido, dava mudo tal fantasia ao luar. Os olhos semi-cerrados semelhavam aduses mal-feitos.

Ah! e morta, morta para sempre, como se a eternidade fosse passageira.

NITO ANDRADE

# Casa Garibaldi

(FUNDADA EM 1880)

## J. P. DOS SANTOS & CIA.

Vidros, espelhos, quinquês, molduras, meletes, molduras, espelhos e cristais para vitrines

Artigos de papelaria e litografia

RUA DE S. PEDRO, 217 221

RIO DE JANEIRO

Tels.: 21-0741 e 21-2837

FABRICA

RUA VIC. DA GAVEA, 60/68

TEL.: 21-0740

End. "Telegrapho" "GARIBALDI"

CIENCIAS E LETRAS

15

# AOS ALUNNOS DO COLLEGIO PEDRO II

ALZIRO ZARUR.

I

Jovens que entreez, entre mais devagar...  
Entre como quem entra num santuario,  
para cumprir a fôrça e seu destino:  
estudar, estudar, sempre estudar!

Fazal um curso todo modelar...

Defenda! o futuro lemerario  
deste Brasil, colosso extraordinario  
que amanhã vos teres de governar.

Este Pedro II, nosso templo,  
ha de ficar na Historia como exemplo  
a multissimas outras gerapões!

Portanto, vós — alumnos ou alumnas —  
sede pra sempre impávidas e firmes  
desda Casa de tantas tradições!

I I

Sim... Desgraçadamente, desde já,  
eu ouço a voz dos vossos corações:  
"De que valem, Zarur, exhortações?  
Acaso ao mal o bem subjugará?"

"O Collegio das tuas illusões,  
o Templo que na Historia ficará,  
entristece-nos a alma... E aí, ali está  
lacrado por mil desilusões!"

Não vos cabe portem, tal objeção:  
a toda accão responde uma reacção,  
di-o o rifão, e di-o toda a sciencia.

Os inconscientes, pois, hão de sofrer  
sentindo, na hora certa de morrer,  
pavorosos remorsos na consciencia.





# MIMONS TIRCO

HUMBERTO DE CAMPOS

**Pelas margens sagradas** do Efrates, que fugia, então, sem espuma e sem ondas, caminhavam na infanda maré-vilhosa da terra. A Dor e a Morte. Eram dois espectros longos e vazos sem forma definida, cujos pés não deixavam traços na areia. De onde vinham, não se sabia. Mas sabiam. Guardavam silêncio e moviam-se devagar, olhando as colinas recém-criadas.

— **Para nós ambas,** talvez... E se nós próprias fizessemos com as nossas mãos, uma criatura que fosse, na terra, o objeto carinhoso do nosso cuidado? Poderiam filhos ser-nos, o diferente dos outros, dos ursos dos mastodontes das grandes baleias do mar, Tria-ló-famos eu e tu, em nosos braços, fazendo do seu canto, do prazér... Eu o traria sempre comigo embalado-o, avivando-lhe o espirito, apertando-lhe a alma, formando-lhe o

co falojvava, cêbre. E à sua passagem, os outros animais e ficavam olhando, como se perfunhassem que fochido, que trombo ou que bico havia pido vado das folhas daquele arbusto seco que ele arrebatava na faga. Urso primitivo, lamblam as patas, monotonamente, quando um passo mais longe, o urso e o ar, num voso rãndio, havia pido uma interrogãção inocente que olhos ingenuos de todos os brios

— **Para nós ambas,** talvez... E se nós próprias fizessemos com as nossas mãos, uma criatura que fosse, na terra, o objeto carinhoso do nosso cuidado? Poderiam filhos ser-nos, o diferente dos outros, dos ursos dos mastodontes das grandes baleias do mar, Tria-ló-famos eu e tu, em nosos braços, fazendo do seu canto, do prazér... Eu o traria sempre comigo embalado-o, avivando-lhe o espirito, apertando-lhe a alma, formando-lhe o

co falojvava, cêbre. E à sua passagem, os outros animais e ficavam olhando, como se perfunhassem que fochido, que trombo ou que bico havia pido vado das folhas daquele arbusto seco que ele arrebatava na faga. Urso primitivo, lamblam as patas, monotonamente, quando um passo mais longe, o urso e o ar, num voso rãndio, havia pido uma interrogãção inocente que olhos ingenuos de todos os brios

— **Para nós ambas,** talvez... E se nós próprias fizessemos com as nossas mãos, uma criatura que fosse, na terra, o objeto carinhoso do nosso cuidado? Poderiam filhos ser-nos, o diferente dos outros, dos ursos dos mastodontes das grandes baleias do mar, Tria-ló-famos eu e tu, em nosos braços, fazendo do seu canto, do prazér... Eu o traria sempre comigo embalado-o, avivando-lhe o espirito, apertando-lhe a alma, formando-lhe o

co falojvava, cêbre. E à sua passagem, os outros animais e ficavam olhando, como se perfunhassem que fochido, que trombo ou que bico havia pido vado das folhas daquele arbusto seco que ele arrebatava na faga. Urso primitivo, lamblam as patas, monotonamente, quando um passo mais longe, o urso e o ar, num voso rãndio, havia pido uma interrogãção inocente que olhos ingenuos de todos os brios

— **Para nós ambas,** talvez... E se nós próprias fizessemos com as nossas mãos, uma criatura que fosse, na terra, o objeto carinhoso do nosso cuidado? Poderiam filhos ser-nos, o diferente dos outros, dos ursos dos mastodontes das grandes baleias do mar, Tria-ló-famos eu e tu, em nosos braços, fazendo do seu canto, do prazér... Eu o traria sempre comigo embalado-o, avivando-lhe o espirito, apertando-lhe a alma, formando-lhe o

co falojvava, cêbre. E à sua passagem, os outros animais e ficavam olhando, como se perfunhassem que fochido, que trombo ou que bico havia pido vado das folhas daquele arbusto seco que ele arrebatava na faga. Urso primitivo, lamblam as patas, monotonamente, quando um passo mais longe, o urso e o ar, num voso rãndio, havia pido uma interrogãção inocente que olhos ingenuos de todos os brios

— **Para nós ambas,** talvez... E se nós próprias fizessemos com as nossas mãos, uma criatura que fosse, na terra, o objeto carinhoso do nosso cuidado? Poderiam filhos ser-nos, o diferente dos outros, dos ursos dos mastodontes das grandes baleias do mar, Tria-ló-famos eu e tu, em nosos braços, fazendo do seu canto, do prazér... Eu o traria sempre comigo embalado-o, avivando-lhe o espirito, apertando-lhe a alma, formando-lhe o

co falojvava, cêbre. E à sua passagem, os outros animais e ficavam olhando, como se perfunhassem que fochido, que trombo ou que bico havia pido vado das folhas daquele arbusto seco que ele arrebatava na faga. Urso primitivo, lamblam as patas, monotonamente, quando um passo mais longe, o urso e o ar, num voso rãndio, havia pido uma interrogãção inocente que olhos ingenuos de todos os brios

— **Para nós ambas,** talvez... E se nós próprias fizessemos com as nossas mãos, uma criatura que fosse, na terra, o objeto carinhoso do nosso cuidado? Poderiam filhos ser-nos, o diferente dos outros, dos ursos dos mastodontes das grandes baleias do mar, Tria-ló-famos eu e tu, em nosos braços, fazendo do seu canto, do prazér... Eu o traria sempre comigo embalado-o, avivando-lhe o espirito, apertando-lhe a alma, formando-lhe o

# Para VOCÊ

Madriçaga, já fora, a serenata passa, com a cantiga doente dos que sofrem a saudade do amor...

O homem triste chega à janela da sua casa vazia e embode a vista na fogueira estranha serpenteante de Perlo, um relógio fatalista, anuncia o começo de um novo dia...

E elle, o homem triste, recolhe-se com voluptia a tística das suas magníficas recordações...

Eu sei! assim, amanhã quando você se for, desmanchando o meu sonho... O meu sonho...

Toda a creatura tem, em sua vida, cantante como uma symphonia, a maravilha orchestral de um grande sonho de amor. Nada mais que um. Com a duração de uma epocha. Um anno... um dia... um mez...

Como vêm, volta. Inesperadamente. Mesmo se o amor tivesse a duração certa das cantigas de penho-rez, seria entoadinho, mesquinho, material...

O amor é o sonho delirioso de ventura que nos passa à porta... As vezes demora. Parece ficar. Mas segue sempre com o seu cortejo magnífico de hil-sós, deixando no caminho a casa vazia... uma casa vazia e um vulto de mulher... Nada mais. E em tudo, no ar que se respira, no espirito, en-trachado na propria carne, o seu perfume, o trazo do seu cheiro...

Assim sei! amanhã quando recordar você... a minha epocha de delirio, de loucuras, de mentiras, as deliciosas mentiras do amor, encobrido a verdade do amor... Epocha de abandono, de afastamento da realidade, no mundo brejal do sonho... De religião, a religião pagã do amor...

Desde o primeiro beijo, a meio, num afastamento, ao ultimo, o grande beijo derradeiro, que se recebe numa amargura, de olhos fechados, que as vezes encobrem lagrimas de homem...

Depois o afastamento, os ramos a que nos leva a

vida... Cada um para o seu lado... para os seus destinos... destinos hi-partidos... Você a enlir a escada gloriosa a que a mocidade condiz, recolhendo em seu caminho as rosas venturosas dos galanteios, e recebendo também, ás vezes, as picadas dos espinhos que fazem soffrer... Eu... sabe-se lá para onde se vai? Para o abordecimento... Na procura alucinada do esquecimento... Poderá esquecer quem tem o pensamento agrihoado num sonho?

Sempre houvera em toda a parte, o seu vulto... seu vulto lindo de mulher triste... sim triste embora, ás vezes, um sorriso venha entrelal-lhe mais o rosto... Mas, sempre o seu vulto em toda a parte... Nas cousas materiaes, numa carta com que se joga para esquecer, no fundo de uma faga, que se hebe para atordor; no olhar de uma mulher qualquer cujo amor de instantes se comprun... sempre voce...

E eu, o homem triste, moço velho, olharei mais uma vez a longa estrada serpenteante, servindo cascas mudas, casas tristes, talvez, casas vazias que um vulto de mulher um dia pozou...

E longe, a serenata...

A voz mecenadora de cantor: Ha-de velar noites inteiras. Quem soffre penas de amor...

CAFE' E BAR NOVA AURORA  
ESPECIALIDADE EM MOAGEM DE CAFE.  
BERNARDAS FINIZ  
MÁRQUES & DINIZ  
AV. MARECHAL FLORIANO, 60  
TEL: 24-6918 — RIO DE JANEIRO

— **Eu del a aqui!** — tornou a Dor. — **Eu del o barro!** — insistia a Morte.

Abindo os braços, a Dor lançou-se contra o monstro, apertando-o violentamente, com as tenazes das mãos. A água que o corpo continha, sibiu de repente, nos seus membros. Quando não havia mais nada que exprimir, a Dor se foi embora. A Morte aproximou-se, então, do monte de lama, tomou-o nos ombros, e partiu...

— **Para nós ambas,** talvez... E se nós próprias fizessemos com as nossas mãos, uma criatura que fosse, na terra, o objeto carinhoso do nosso cuidado? Poderiam filhos ser-nos, o diferente dos outros, dos ursos dos mastodontes das grandes baleias do mar, Tria-ló-famos eu e tu, em nosos braços, fazendo do seu canto, do prazér... Eu o traria sempre comigo embalado-o, avivando-lhe o espirito, apertando-lhe a alma, formando-lhe o

co falojvava, cêbre. E à sua passagem, os outros animais e ficavam olhando, como se perfunhassem que fochido, que trombo ou que bico havia pido vado das folhas daquele arbusto seco que ele arrebatava na faga. Urso primitivo, lamblam as patas, monotonamente, quando um passo mais longe, o urso e o ar, num voso rãndio, havia pido uma interrogãção inocente que olhos ingenuos de todos os brios

## PIADAS OFIDICAS

H. Matiaf'el

"A gente, às vezes, tem idéias singulares" ...  
Aldebaran.

## COISAS IMPOSSIVEIS ...

Tomar banho de mitrato de prata e repousar na rede telefônica.

Fazer um discurso na cama lenta, e ser aplaudido pelos membros inferiores.

Ter uma chapra de fogo e revelar o mistério do quarto escuro.

Prepar na arvore da vida, tirar uma lanterna de Silvíus, sem ordem de Rolando e alegremente voltar locando a trompa de Eustaquio.

SE...

Se eu fosse poeta, faria uma rima para o Batista, mas a que eu sei não é nada higiénica, por isso é melhor ficar quietinho e fazer prosa...

Se eu fosse o pai do Agamemnon diria: ó Agamemnon, porque demoras na leitura das atas?

Se o Gremio fosse uma tribu, os estatutos seriam o tabu — e o pagé?

## PROTOCOLAR

Por ter luhna, o Portelinha falou às sessões tumultuosas.

## TRATAMENTOS ...

No Gremio — V. Excia.

No Colegio — Você.

Na Rua — Não digo.

## CHARADAS GEOMETRICAS

A b' matou h' da c' e por isso apañou da v'.

## MANDAMENTOS DO GREMIO:

Amar o Gremio.

Apresentar e mostrar um dicionario antes do trabalho de admisso.

Quando presidir às sessões não pedir a palavra ao presidente.

Enfrentar qualquer gigante em defesa dos estatutos.

Não pronunciar a palavra "mequinho", nem "L. car.", "exaltado" na assembleia.

Não dobrar a capa do Livro de Atas.

Não dobrar a miua dos outros poetas.

Não chamar o Ori de Olfir, nem Siroda de Sirobo e etc.

## BIBLIOFOBIA

O livro que o Esqr não lê: O GRIME DO PAIDRE AMAHO.

## PREMIOS

Noidade vive "Ammando", plamos, por isso ganhoun um "Pinov" e "Fifores".

## CINEMAMIMICO

O ALDEBARAN passou tres semanas no Alhanbri.

## FLORRIDA

A papoela é a flor dos estudantes.

## ULTIMAS TEMPERAS

A companhia "Gremiolandria", foi dissolvida depois do primeiro centenario da peça "S. PEDRO E OS GREMISTAS", devido a um surturu recente.

Certo comadegratro do GREMIO vai mudar de genero, pretendendo para breve apresentar uma tragedia intitulada "A RETIRADA DOS CINCO MIL..." rell.

## CARNERADA

Onde vula Carneiro? (A resposta não será publicada).

JOSE FARIA DE S.A. & CIA.

Secção de livros escolares — Preços especiais

LIVRARIA J. FARIA

RUA BUENOS AIRES, 156

TELEPHONE 21-6338

## SINFONIAS COLORIDAS

Da sua alvura brilhante,

o Sol despenha suas viduças,

um chuveiro de setas luminosas.

E espadanana, pelo meu quarto,

mil estilhaços de luz.

Lá fora, a Natureza  
segurava, nas mãos,  
o quadro grande da paisagem,

estanhada de cores.

Do interior de minh'alma,

os dedos dos meus sentidos  
se alongaram,

lançando, no espaço,

mil cordas de luz.

E subiram,

vibrando,  
no silencio,

as Sinfonias Coloridas dos meus versos.

HAMILTON FILIA

Do livro a sair: "Sinfonias Coloridas".

## CONCERTOS MUSICAIS

Um grande entusiasmo apanha a atual direçõa do GREMIO, sentido de amplitude de suas realizações. Além da série de Conferências e Palestras, proferidas, organizou, ainda, um vasto programa musical. Livro, em o qual tomam parte os mais eminentes e consagrados artistas nacionais.

## Canção de um palhacinho com musica

Eu dou, como um beirão, abriço.  
Se ponho os passaros pousaram  
conservo as penas que comulgo  
flegaram.

E a vida é bella para o abriço  
se nelle os passaros pousaram.

Eu sou como a agua dos ribeiros,  
clara, onde os passaros se miram,  
e onde mal veem, la vito ligeiros,  
se rellam.

Guardam as sombras os ribeiros  
na agua tranquila em que se miram.

Eu amo — como os bons arbuistos  
se enchem de fructos ou florescem,  
sorrindo aos passaros injustos  
que os esquecem...

Dar fructo é a gloria dos arbuistos  
e são alegres se florescem.

MURILLO AMAUO

## De Nietzsche

O verdadeiro homem quer duas coisas:  
o perigo e o divertimento. Por isso quer a  
mulher que é o brinquedo mais perigoso.

O homem deve ser educado para a guerra e a mulher para o prazer do guerreiro.

O guerreiro não gosta de fructos doces demais. Por isso a mulher lhe agrada: a mulher mais doce tem sempre o seu que de amargo.

A mulher compreende melhor de que o homem as creanças; mas o homem é mais infantil que a mulher.

Em todo verdadeiro homem se oculta uma creança; uma criança que quer brincar. Ela, mulhères! descobri no homem a criança.

Seja a mulher um brinquedo puro e fino como o diamante, adornando pelas vitudes de um mundo que ainda não existe.

Seja a mulher a amar sempre mais do que fordes amada, e nunca ser a segunda.

Tema o homem a mulher, quando a mulher odeia; porque, no fundo, o homem é simplesmente mau; mas a mulher é perversa.

A felicidade do homem é: eu quero; a felicidade da mulher é: ele quer.

A alma da mulher é superficial; movel e tumultuosoa pelvica de aguas superficiais.

A alma do homem, porém, é profunda; a sua corrente brama em grutas subterraneas; a mulher presente a força mas não a compreende!

Acompanhas as mulhères? Olha, não te te aquera o hatogo"!  
Ai! Existem tantas coisas entre o céu e a terra que só os poetas sonharam. E mormente no céu; porque todos os deuses são símbolos e artificios de poéta.

Não pensaram profundamente; por isso mesmo não sentiram fundo.

Um tanto de voltuosidade e um tanto de léido, eis ao que se reduziram as suas meditações.

Tambem os achu pouco ascedados; todos lutavam as suas aguas para parecer profundas.

Ai! Lancei as minhas redes aos marcos delés para apanhar peixes; mas não só pesquei a cabeça de um Deus anigo.

Certo neles encontram-se pérolas: a isso se deve parecerem-se ainda mais a duros tes-táculos. E ao invés de alma tenho visto frequentemente em seu interior espuma salgada.

Tambem do mar aprenderam a sua vaidade: não é o mar o primeiro dos pavões? Até diante do mais feio búfalo abre a sua cauda; nunca se ha de cansar do seu leque de rendas, prata e séda.

O búfalo olha essas coisas com enfado, pois tem o pensamento em areias, matas e pantanos.

Que lhe importam a ele a beleza e o Oceano, e as galgas do parão?  
Eis o símbolo que ofereço aos poetas.

## Errata

Na página 31, onde se lê "innuencios profetas", leia-se INNUMEROS PROFETOS.  
Pedimos aos leitores mais descuidados pelos outros erros que por ventura sejam encontrados.

# Radiá! Radiá!

MALBA TAHAN

O vosso nome, senhor, não está no Alcorão.  
Mas, pelo vultado de Alá, ficará para sempre (maknubi), gravado pela saudade no fundo do meu coração.

(Alfred, Ibn Hambel — Poema do deserto)

"Um ditívio de luz cai da montanha". O silêncio, na claridade suave da tarde, era como uma dardiva de Alá sobre a terra. Parecham-nos ouvir, ao longe, o doce som de flautas e djouaks vibrados por artistas invisíveis.

A porta da tenda surge, de repente, a figura alva do queibr chefe da caravana.

— Vamos, beduíno — gritou arrebatado. A grande caravana vai partir! Iremos para além da Persia; atravessando a Índia; levaremos os nossos camelos até aos confins da China e do Tibete. Terá a fortuna de conhecer as cidades e os recantos mais prodigiosos do Islam; encontrarás os mercadores mais ricos do mundo; os teus lucros serão fabulosos. Vamos! Por Alá o Exaltado! A caravana vai partir!

Responde:

— Sim, valente queibr! Sempre desejei conhecer as maravilhas desses países cheios de lendas e mistérios. Estão convencido de que essa longa e curiosa viagem seria para mim fonte de inalcandáveis riquezas.

Mas...  
Naqule momento a encantadora Radiá, com sua graça infinita de moum, colocava cocrais de ouro em torno de seus tornozelos moresos.

A caravana vai partir? Vai em busca da riqueza? Deixá-la ir a caravana...

— Prefiro, ó queibr! continuar aqui, recostado nestas almofadas, vendo a querida Radiá prender cocrais de ouro em torno de seus tornozelos moresos...

A barraca protegia a minha confortável tenda na orelha do deserto. O marigule embriagador parecia mais doce que o sorriso nos lábios da minha apaixonada.

Alguém chama por mim. Ouço o meu nome repetidas vezes. Reconheço a voz de um thaleb.

— Por que me procuras, ó venerável thaleb? — pergunto.

— Ven conigo, jovem poeta! — respondeu

o sibho. O rei de Cabul e o imperador da China, em viagem para Meça, partiram, esta tarde, no nois de Bied-Djerid! Falei em teu nome. Já leram os teus versos. Admirante! Fazem questão de conhecere. Vamos até ao oasis antes que eles partam. Por Alá! É uma oportunidade única em tua vida! Receberás as homenagens dos soberanos mais ricos e generosos. Serás o poeta mais famoso do mundo! Ficareis mais célebre do que Antár e mais invejado do que Moslim.

Responde:

— Sim, indelitoso thaleb! Sempre ambiciono receber as homenagens daqueles que têm em mãos o ouro e o poder. O imperador da China e o rei de Cabul são os monarcas mais ricos e mais generosos, entre quantos vivem sobre a face da terra. Recebido em audiência especial, por esses soberanos, tornar-me-ia célebre. O meu nome, enobrecido pela Glória, jamais sairia da memória dos homens.

Mas...

Naqule momento a deliciosa Radiá cantava. A sua voz era tão meiga como a lua e mais doce que as tamarias brancas do Iemen.

O Rei e o Imperador esperam por mim? Encontrarei no oasis de Bied-Djerid a Glória que deslumbrava e seduz os moresos?  
A Glória... Deixá-la ir, a Glória...

Prefiro, ó thaleb! continuar aqui, recostado indolente sobre estas almofadas, ouvindo a querida Radiá cantar, com inilzível ternura, os seus sonhos de amor...

Pouco faltava para a hora melancólica ezzan. Uma poeta de luz envolvia a minha tenda onde as sombras procuravam refugio. Mac Alá! Chamam por mim! Quem será? Abre-se a porta. Abre-se, diante de mim, o meu grande e dedicado amigo.

— Venho buscá-te, meu caro — exclamou cheio de alegria. Todos os habitantes da aldeia estão reunidos na mesquita. Misomé, o enviado de Deus, vai falar aos fiéis, depois do ezzan. Aquêle que ouvir as palavras do Profeta estará salvo e levd o seu nome incluído entre os benaventurados! Ven, ó irmão dos árabes, ven conigo!

Responde:

— Sim, meu grande e incomparável amigo! Sempre almejei obter, pelas mãos do Enviado de Alá, a minha reabilitação aos olhos de Deus! Certo estão de que hoje na mesqui-

ta, entre cheiques e alemás, obteria a remissão de meus erros e a salvagão de minha alma. Ezzan, para sempre livre do peso de meus pecados.

Mas...  
Naqule momento a sombra do desejo apparecia, bem nítida nos olhos negros de Radiá.

O Profeta vai falar na mesquita? Devo ouvir a sua Palavra que redime e salva? A Salvagão - Eterna! Deixá-la ir a Salvagão Eterna...

Prefiro, ó esquecível amigo! continuar aqui, recostado indolente nestas almofadas, pois a sombra do desejo apparece, neste momento, bem nítida, nos olhos negros e sedltores de Radiá...

Minha pobre tenda está triste e vazia na orelha do deserto. Radiá desapareceu de meus

GRANDE SOFORNENTO

CASA FARIA

104, Rua Marechal Floriano, 104

Expediente em todas as feiras, feiões, e dias úteis

PREÇOS SEM CONPÉDIO

TEL.: 43-1860

## NÓS, E A SEMANA DA PATRIA

O Colégio não se manteve alheio ao culto patriótico, e realizou grandes iniciativas.

Desfilou pelas ruas da cidade com disciplina e garbo.

A nossa tardo, embora não ostentasse plumes e penachos, foi o simbolo de um estabelecimento scular que concorreu, concorre, e concorrerá sempre para o patrimonio cultural da terra brasileira.

A melhor demonstração de civismo nós damos aos que a sollicitam — é o nosso trabalho focuado por um Brasil maior!

E por isso que marchamos, altivos; o nosso orgulho é o despertar de uma geração que fora das ideologias politicas se desenvolve para o bem da raça e da alma comum da nacionalidade.

Desde o director até o humilde serventão, todos cooperaram perante o Presidente da Republica.

No dia 6, realizou-se a sessão civica no salão nobre do estabelecimento.

Partiram, os mestres Pinheiro Guimarães, Nelson Romero e Pedro do Couto e o nosso colega de redação e orador do Gremio, o aluno Augusto Claudio Ferreira.

olhos como um asfir que fugisse da prisão. De nosso amor, que parecia eterno, restam apenas as lamars amargas da saudade.  
Radiá! Radiá! "Chovam lirios e rosas em teu colo! Chovam hinos de glória na tua alma!" Lembra-te, Radiá! Por ti sacrificarei a riqueza, a Glória e a Salvagão Eterna...  
Resta-me, ainda, a Vida!  
Sim, a Vida... Deixá-la ir, a Vida...

Nota do tradutor — Significação de alguns vocabulos citados no original árabe: "Mektub" — estava escrito (expressão da fatalismo musulmano); "Quadr" — conditor de caravanas; "froum" fada; "corral" peça de adorno feminino; "obrador", proteção (obedição) especial de um santo musulmano; "talab", sabio; "Bied-Djerid", país das tamarias; "Antár", poeta árabe, notável por seus feidolores; "safir", rubi; "ultima preço", do dia; "almás", doentes; "safir", rubi; "ultima preço", do dia; "almás", doentes. Ao trecho árabe foram interpostas algumas versos de poetas cristãos.

A enorme assistencia ovacionou prolongadamente os oradores e por fim cantou o hino nacional executado pelo Côro Orfeonico.

No dia 7, comparecemos à Esplanada, onde representados pelos numerosos orfeonistas dirigidos pela professora Maria de Freitas cantamos sob a regencia do incomparável Vilalobos.

A Independencia foi entusiasticamente comemorada.

O Gremio está satisfeito porque ao representar oficialmente o corpo discente encontrou a cooperação voluntaria de todos.

## PORQUE?

O EXTERNATO TEM PROCURADO INTERCAMBIO COM O INTERNATO. O GREMIO NÃO ESMORECE EM CONVITES. SERÁ QUE ALGUEM PREENDE IMPEDIMENTOS MOVIMENTOS DE APROXIMAÇÃO?

SE É VERDADE, PERGUNTAMOS ABORRECIDOS: PORQUE?

## PEROLA ORIENTAL

Jóias, pedras, pinturas, niquel e apêlas  
Ordens de aurifer e rubido japonês  
RICARDO AUGUSTO BIATO  
Avenida Marechal Floriano, 54  
TELEFON: 71 - 3800 — RIO DE JANEIRO





# AS TIRAS AL VIES «As duas flores» Bôa noite

São duas flores unidas, são duas rosas nascidas talvez no mesmo arrebolo, vivendo no mesmo galho, da mesma gôta de orvalho, do mesmo ralo de sol.

Unidas, bem como as penas das duas asas pequenas de um passarinho do céu... Como um casal de rolinhas, como a tribo de andorinhas da tarde no frouxo veu.

Unidas, bem como os prantos que em parthia desceam tantos das profundezas do olhar... Como o suspiro e o desgoço, como as covinhas do rosto, como as carelhas do mar.

Unidas... Ai! quem pudera nuna eterna primavera viver qual vive esta flor. Juntar as rosas da vida na rama verde e florida, na verde rama do amor!

## Adormecida

Uma noite, eu me lembro... Ela dormia Numa rede encostada molmente... Quasi aberto o roupão... solto o cabelo E o pé descalço do tapete rente

Estava aberta a janela. Um cheiro agreste Enxalrava as silvas da campina... E ao longe, num pedago do horizonte, Via-se a noite placida e divina.

De um jasmimheiro os galhos encurvados, Indiscretos, entram pela sala, E de leve oscilando ao tom das auras Iam na face tremulos — beija-la.

Era u inguadrto celestel!... A cada afago Mesmo em sonhos a moça estremecida Quando ela serenava... a flor beija-la... Quando ela ia beija-la... a flor fugia.

Dir-se-ia que magrete doce instante Brincavam duas candidas orquídeas... A brisa, que aqltava as folhas verdes, Fazia-lhe ondear as negras tranças!

## Bôa noite

Bôa noite, Maria! Eu vou-me embora. A lua nas janelas bate em cheio, Bôa noite, Maria! E' tarde... é tarde... Não me apertes assim contra teu seio.

Bôa noite!... E tu dizes — Bôa noite. Mas não digas assim por entre beijos. Mas não m'o digas descobrindo o peito — Mas de amor onde vagam meus desejos.

Julietta do céu! Ouve... "a calhandra" Já rumoreja o canto da manhã. Tu dizes que eu menti?... pois foi mentira... Quem cantou foi teu hallto, divina!

Se a estreia davia as derradeiras raias Derrama "nos jardins do Capuloto". Eu direi me esquecendo da vozada: "E' noite ainda em teu cabelo preto..."

E' noite ainda! Brilha na cambraia — Desmanchando o roupão, a espadua nua — O glóbo do teu peito entre os arminhos Como entre as nevas se balança a lua... E' noite, pois! Durmamnos, Julietta!

Responde a alcova ao frescal das flores, Fechamos sobre nós estas cortinas... São as asas do arcanjo das ardees.

A frouxa luz da alabastriha lampada Lampe voluptuosa os teus contornos... Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos. Ao todo afago de meus labios mornos.

Mulher do me unio! Quando aos meus beijos Tremes tua alma, como a lua no vento, Das techas do teu seio que harmonias, Que escaldas de suspiros, bebo atento!

Ai! Canta a cavatina do delirio! Ri, suspira, soluça, anseia e chora... Marioni! Marioni!... E' noite ainda. Que importam raios de uma nova aurora?!

Como um negro e sombrio firmamento, Sobre mim desceirota teu cabelo E deixa-me dormir balbucando: — Bôa noite! — formosa Consuelo!

E o ramo orte, cheirava, orte, atastava-se. Mas quando a vin despelada a meio, Pra não zangá-la... secunda adefre Um chava de pedras no seio...

Eu, flando esta câna, repella. Ninguém noite largaria e sentida: "O fôr! — tu és a virgem das campinas! Virgem! — tu és a virgem de minha vida!"

# Tres phases da vida

(A. NOIVA)

(A. DECAIDA)

— Venho da luz do sol do dia lindo! Sou a dança do som, a alegria sonora! Vivo longe das olhas de quem chora.

E perto de quem, trez, na mocidade louca, A carne nas nadas e o coração na bocca! Noite, vou para a paz do lar risonho. De passo em passo, beijo em beijo, sonho em sonho. Vou amar... Vou viver com os meus primeiros entes, Ao infinito estendi das estrelas cadentes. Qual se houvesse subido, occulto, por um rão Pedra degnata de luz do portico do céu!"

Ella passou com o notro, em restes vaporosas, Chica de sedução e gurrifandias de rosas... Perou... Disse-me adeus, ao fim da estrada... E eu não lhe respondi... E eu não lhe disse nada.

(A. ESPONA)

A segunda mulher fallou, cantando — Viro da gloria de ser mãe! E quando o dia nasce, esplendido e festivo, No meu throno de Santa, eu me ajoquino, e viço com meus orgholo e ardor, não florita, venudia, Meia estase de amor e mais hudo de vida.

Vendo vir e chorar, nesse dapplo estribicho, O sangue do meu sangue, o meu fructo, o meu filho! Sou chamada de Deus! Vim da natureza que encerra O mysterio do Alim, jazer o Bem na terra... Eu sou muito maior que todas as montanhas, Pois deli o Ser a um filho! Abri minhas entranhas, Para o eterno esplendor do milagre fecundo. Desta multiplicar da gerencia do mundo! Sou mãe! A encarnação sublime do Mariri! Almo sem ródoo como a luz do dia!

Mea coração de purpura se resta, As berries de claro da aboboda celestel!" Passou com o Alho... E disse adeus, ao fim da estrada, E eu não lhe respondi... E eu não lhe disse nada.

A terceira mulher fallou, entre soluços: — Na janela da minha casa de Braga... Ando de brço dado com a desgraza. Espondio o corpo, má, em piuma praça. Vendendo a carne, ó dor que me consume!

Para, somente, não morrer de fome. Enterra-me na lama, e viço pôder e honra. Mulher que foi, mudada, agora, em serra. Aquecidos dentes e por demais horrendo, Cedo aos pedregos... Ando, assim, morrendo De dorra... E porque astringi-me ao gho, Sou encastada como um cão leprano!

Senhor! Tem compellido do soffrimento abito... Eu fim do nada com tudo ceio. Abandonet o lar, viço nesta vigilia, Quasi sem pélo, sem nome e sem janilha. De deo em deo, com nido de mim mesma. Mãz, ó poeta! Senhor, que não tées a esmo... Tira-me do paul por Deus! com, esforço inamo, Porque é um rei, meu Senhor, o coração humano!"

Ella passava machuca... Ella passava machuca... E, apenas, por andar que a mais bonita rosa Tem, a par do perfume, a corça de espinha, Chama-de, del-lhe a mão na largura cantadora, Apontel-lhe, aos seus pés, quelele chido de aboboda, Exanguet-lhe, depois, as larguras dos olhos... A decada sendo o rosto controlado.

Ah! Tremia a mangira: no carcere do peito, (Por isso lhe mostra a luz de outra natureza...) O mesmo coração da todas na malheria! Dias depois, morreu, entre virgema em choro... Mel os olhos cerru, (quantia presa e chdro!) Eu li, obtando o céu, ao querto entendida... O nome della nam frouxel das estrelas!

FRANCISCO DE MATTOS

(Do "Estrelas e Mulheres", a mal' breve)

## A OFICIALIZAÇÃO DO GREMIO

Tão do diretor Reija Gabaglia é digno de reconhecimento. A justiça foi feita ao legitimo representante da intellectualidade do pudro.

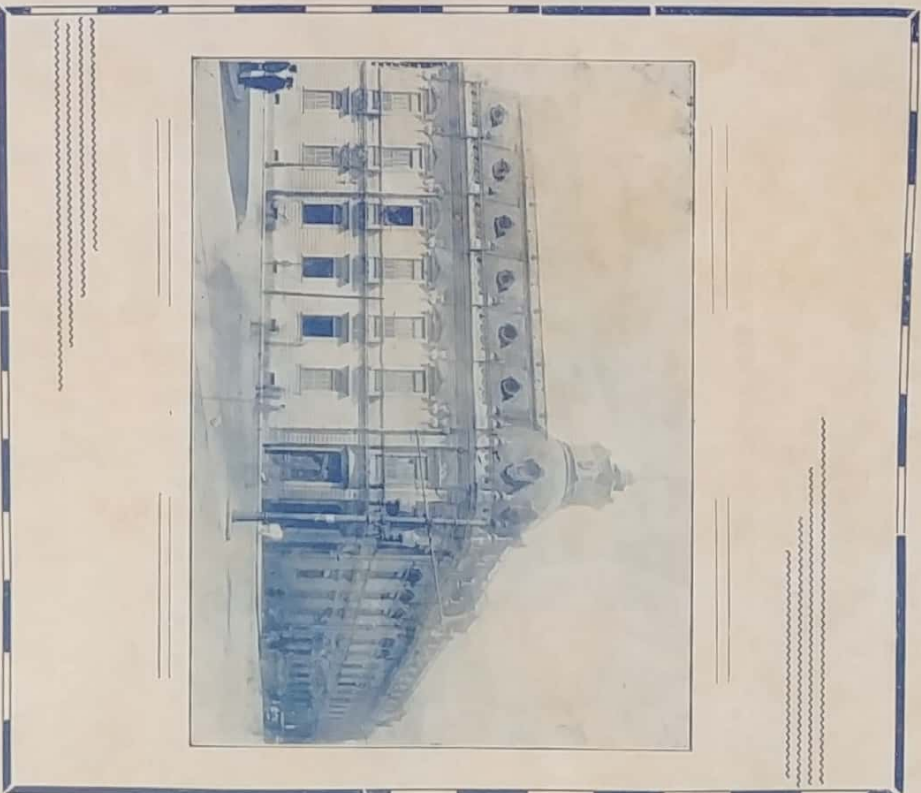
A realização do snossos licaes tem resal- lar a fundação Silvio Elia e mostrar aos in- diferentes qu eo merito não se destrõe assim...

Os gremistas estão alegres por diversos motivos, a falta da baldurda, a revista, a ofi- cialização e inúmeros profetas.

A paz constrói monumentos, porque auxi- lia o trabalho. A oficialização foi util porque representa tranquilidade.



# Cienciã



ANO V

Setembro de 1937

NUM. 7

REVISTA DE